

Entrevista com Tiaraju Pablo D'Andrea

Tiaraju Pablo D'Andrea é professor na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Graduado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (2005), possui mestrado e doutorado em Sociologia (2008 e 2013, respectivamente) e pós-doutorado em Filosofia (2018) pela mesma instituição. Atualmente coordena o CEP – Centro de Estudos Periféricos e dedica-se aos estudos sobre direito à cidade, produção social do espaço urbano; segregação sócioespacial; preconceito social; representações sobre o urbano, produção artística de bairros periféricos, samba, carnaval, rap e funk.

Entrevista concedida via correio eletrônico a Ana Luisa Ennes Murta e Sousa, membro da Comissão Editorial da Revista Temporalidades, e Philippe Urvoy, ambos discentes na linha de História Social da Cultura do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG.

[Revista Temporalidades]: Você dedica sua trajetória acadêmica – e também de vida – aos estudos e atuação junto às periferias e aos sujeitos periféricos, partes constituintes e constituídas pela história das cidades. Em diversos momentos de sua produção, encontramos também menções a seu próprio processo de subjetivação como homem nascido e criado em um bairro periférico de São Paulo. Como você avalia, hoje, os percalços e conquistas advindos do trabalho com temas tantas vezes deixados no esquecimento? Ainda, de que modos um lugar de experiências múltiplas e multifacetadas pode permitir e propiciar a elaboração de epistemologias específicas e renovadas que digam dos processos de constituição histórica das desigualdades nas cidades?

[Tiaraju Pablo D'Andrea]: Não é possível desassociar trajetórias acadêmicas de trajetórias de vida. Como diria Pierre Bourdieu, a honestidade intelectual deve explicitar desde qual ponto de vista o sociólogo está olhando e analisando a sociedade. Isso não significa, penso eu, falar somente de si mesmo, como algumas correntes hoje muito em voga defendem. Ao subjetivismo exacerbado que tenta se contrapor a um objetivismo universalizante, o que proponho é, ao tratar da própria trajetória, realçar quais os condicionantes sociais e as clivagens históricas que a construíram. É a

partir de um determinado *lugar*, e aqui utilizo-o como conceito geográfico e urbano, olhar a totalidade do mundo. O conceito de *sujeitas e sujeitos periféricos* (assim como o de *sujeitas e sujeitos populares*) surge da necessidade de problematização das especificidades de indivíduos nascidos e crescidos em periferias urbanas e cuja formação intelectual, formação de caráter e referências culturais podem ter sido calcadas pelas relações sociais específicas engendradas nesses territórios.

Ao relacionarmos a consolidação histórica da estrutura universitária brasileira com o padrão de crescimento das cidades, podemos observar que há um entrecruzamento notável entre ambas: o local de moradia da elite intelectual historicamente tem sido os bairros ditos elegantes, ou de maior renda. Relacionada a esse dado está a constatação de que são nessas regiões da cidade que se concentram as principais livrarias, os centros de pesquisa e até as universidades, retroalimentando a exclusividade do acesso. Quando uma parcela da intelectualidade passa a se preocupar com questões relacionadas às periferias e favelas, é indissociável que suas pesquisas e seus olhares estejam treinados por um estilo de vida e por teorias construídas cuja elaboração não partiu dos mais pobres, os historicamente “estudados”.

Quando entrei no curso de Ciências Sociais, na Universidade de São Paulo, no ano de 2002, tive um choque. A maioria dos estudantes do curso morava em outros bairros, provinham de outra classe social e possuíam trajetórias de vida sideralmente diferentes da minha, filho de uma enfermeira de hospital público que morava em uma casa emprestada em um bairro popular da periferia leste de São Paulo. Aquilo que os textos de sociologia urbana apresentavam como caso era a história do meu avô, da minha mãe, do meu vizinho ou a minha própria. A questão que me tocava era a de que estes protagonistas dos escritos, por uma questão secular de desigualdade de acesso à infraestrutura universitária, não podiam contar a própria história, e por vezes lhes era tolhida a possibilidade de analisá-la, fato que auxiliaria na compreensão e elaboração dela. Inquieto com esse dado, passei a fundamentar a possibilidade da construção de uma *epistemologia periférica*. Com o passar dos anos, o aumento do ingresso de alunos moradores de periferias urbanas nas universidades fez esta elaboração e este questionamento ter mais eco.

[R.T.]: A noção de *direito à cidade*, muito cara aos estudos urbanos, engloba hoje diversas problemáticas que dizem dos modos pelos quais podemos pensar as relações entre os sujeitos e o território urbano: acesso a transporte, lazer, moradia, saneamento, participação

política, segurança pública, entre outras questões, fazem parte desse espectro crítico. Como você entende que os *sujeitos periféricos*, como conceito, mas também como existências objetivas, têm produzido movimentos de luta pautados pela superação das desigualdades e pela garantia de experiências mais democráticas e igualitárias nos centros urbanos?

[T.P.D.]: O fenômeno urbano periferia é relativamente recente na cidade de São Paulo. Os territórios conceituados por nós dessa maneira passaram a ser vastamente ocupados somente a partir da década de 1950. O termo *periferia* (ainda enquanto termo), passa a ser formulado fundamentalmente por intelectuais e pelo poder público para dar conta de um fenômeno social e urbano que era o crescimento dos arrabaldes da metrópole. No entanto, por mais que o *território* urbano denominado periferia tenha sido construído desde sempre pelos seus próprios moradores, estes, em um primeiro momento, não utilizavam em grande escala o termo *periferia* para definirem seus territórios. Estamos tratando fundamentalmente de todos os processos sociais e coletivos ocorridos entre as décadas de 1960 e 1980, onde Sociedades Amigos de Bairro, Movimentos Contra a Carestia, Clubes de Mães, CEB's, Movimentos de Saúde, de Moradia, de Educação, dentre outros, reivindicavam melhorias para seus bairros. Este amplo movimento, cuja organização política tinha a edificação da cidade como pauta principal, foi englobado de maneira difusa pelo conceito *Direito à Cidade*, que nos ajuda a compreender o processo mais amplo, mas que também possui seus limites. Do ponto de vista dos agentes, as pautas pelas quais empreendiam suas lutas reverberavam na narrativa que construía sobre si próprios. Desse modo, os termos recorrentes utilizados nos 1970 e 1980 eram *povo*, *popular* e *trabalhador*. Por mais que essas ações ocorressem *na periferia*, não era a partir do termo *periférico* que engendravam sua ação política. Devido a essa constatação, eu não posso, na posição de analista da sociedade, atribuir a esses agentes o conceito de *sujeitas e sujeitos periféricos*. Prefiro conceituar esse período como protagonizado por *sujeitas e sujeitos populares*, que era a maneira como estes se autodenominavam. Não é à toa que toda a narrativa construída nesse período ocorreu ao redor do chamado *movimento popular*. Foi este *movimento popular*, constituído por diversas frentes, quem protagonizou as lutas contra a Ditadura Militar e a implantação de uma série de políticas, ou ao menos a noção de que era portadora de direitos.

A partir da década de 1990, por inúmeros fatores, dentre os quais a fragilização do conceito *trabalhador*, o aumento da violência e do desemprego, o termo *periferia* ganha força. Eram nesses territórios onde a barbárie neoliberal se expressava de modo mais cru. Passa a existir então uma

consciência de pertencimento bem como um chamado para a união dos territórios periféricos do Brasil, irmanados pelo compartilhamento de situações sociais próximas. Conceituo *sujeitas e sujeitos periféricos* a esta geração pós-1990, criada em um tempo histórico com especificidades e com uma prática política distinta da geração anterior.

[R.T.]: Em uma entrevista recente, você apontou de que modo, na atual crise sanitária, a periferia vem sendo tratada, mais uma vez, como “não cidade”. Em um mapa divulgado pela Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo podemos ver como a ampla maioria dos casos de mortalidade ligados à COVID-19 encontram-se nas periferias da cidade. De que forma você diria que a atual pandemia revela o processo histórico de planejamento e produção desigual da cidade brasileira? (link: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-04-18/no-mapa-do-coronavirus-na-cidade-de-sao-paulo-a-periferia-lidera-as-mortes-e-as-mulheres-adultas-sao-as-mais-infectadas.html>)

[T.P.D.]: A história da periferia têm sido a história de sua luta por visibilidade. Infelizmente, inclusive dentro dos círculos acadêmicos, há um movimento muito forte em negar a existência do fenômeno, defendendo a sua inconsistência enquanto dado explicativo. No entanto, tal invisibilidade é decorrência de um sistema econômico, no qual a produção da riqueza realizada pelos trabalhadores se concentra majoritariamente em algumas áreas da cidade, e que se expressa nas políticas públicas. No caso de São Paulo, mas também de outras cidades do Brasil, a pandemia ocasionada pela Covid-19 colocou em relevo as desigualdades sociais históricas. As mortes ocorrem principalmente e substancialmente nos bairros da periferia, com piores condições sanitárias e mais empobrecidos. No entanto, por exemplo, os hospitais de campanha somente foram construídos em bairros de classe média. Soma-se a esse fato a pré-existente desigualdade territorial na distribuição dos leitos. Em paralelo, a própria máquina pública está estruturada para atender melhor aos bairros centrais e aos bairros de elite. Nessas regiões existem mais equipamentos, funcionários e dinâmicas historicamente melhor consolidadas. Então a política pública, mesmo que pensada de maneira equânime no território, ela não se concretiza. Há uma reprodução das desigualdades em diversos âmbitos. Não à toa é nos territórios periféricos onde vive a maior parte da população negra.

[R.T.]: Em diversos bairros periféricos de grandes capitais, coletivos de moradores têm se organizado para promover ajuda mútua e fortalecimento das comunidades perante a pandemia, através de ações concretas, tal como na favela da Maré, no Rio de Janeiro, ou ainda em Paraisópolis, em São Paulo. Em Belo Horizonte, vemos iniciativas semelhantes no Aglomerado da Serra e em ocupações urbanas da periferia da cidade. O Centro de Estudos Periféricos – CEP, do qual você é coordenador, tem acompanhado alguma dessas experiências? De que formas você acredita que essas ações, que se fortalecem apesar do descaso promovido pelo Estado, conseguem oferecer configurações locais de proteção e conscientização dessas comunidades?

[T.P.D.]: O Centro de Estudos Periféricos publicou dois documentos sobre a pandemia. O primeiro intitulou-se “Medidas Urgentes para a contenção da Covid 19 nas Periferias” e foi publicizado no final de março. Já naquele momento ressaltávamos questões que hoje ainda estão em pauta e não foram resolvidas, como por exemplo a construção de hospitais de campanha. O segundo documento, publicado em meados de abril, fazia um levantamento de redes de solidariedade formadas no Brasil. As redes de solidariedade são fundamentais para combater o individualismo e o esgarçamento do tecido social engendrado pelo hiperneoliberalismo que penetrou também nos territórios populares. Sou absolutamente a favor destas redes e creio que elas nos fazem avançar no sentido do *commum* que pretendemos para uma nova sociedade. No entanto, somente as redes de solidariedade não conseguirão e nem devem substituir o Estado, órgão concentrador dos recursos e único capaz de implementar medidas em larga escala. Creio que para a sociedade que queremos construir para o pós-pandemia devemos pensar em duas questões: o fortalecimento da confiança e dos laços sociais e medidas de alcance universal efetuadas por políticas públicas, como o fortalecimento do sistema de saúde e de seguridade social. A pandemia somente revelou da maneira mais cruel como uma sociedade que não ampara seus cidadãos acaba por matá-los.